



## FUGA

# Contra o relógio e contra a ditadura

Um cientista uruguaio fugiu de Montevideu com a mulher, dois de seus sete filhos e uma cápsula de veneno. Os soldados uruguaiois brindavam 81 e não viram quando ele passou para o Brasil

—CACO BARCELLOS—

Era quase impossível dar certo. O fugitivo saiu na madrugada do Ano-Novo de Montevideu para chegar antes do amanhecer na fronteira com o Brasil. São 360 quilômetros pela Ruta 9 Interbalnearia, e ele devia fazer uma média de 120 quilômetros por hora para poder escapar. Uma velocidade exagerada para um velho automóvel Mercedes-Benz, ano 1951, ruim de amortecedores, pneus quase carecas. Ele próprio não acreditava na aventura. Levava uma cápsula de veneno fechada em uma das mãos, para engolir se fosse detido pelos policiais uruguaiois.

Um acidente na estrada o obrigou a desviar 30 quilômetros. Mesmo assim o biofísico Claudio Ronaldo Benech Tour, de 44 anos, considerado "a mais alta personalidade" a fugir da ditadura uruguaia, conseguiria pisar no lado brasileiro da fronteira do Chui dez minutos antes de seu prazo máximo. Eram 4h50m do dia 1º. Emocionado, ainda sob o impacto do drama que vivera com a mulher e dois dos seus sete filhos que o acompanharam na fuga, chegaria ao Brasil chorando. Abraçou os brasileiros que foram ao seu encontro e gritava: "No soy traidor, no soy traidor".

"Operação Mundialito". Recebido

pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre, que organizou a "Operação Mundialito" para esperá-lo na fronteira, Benech continuaria falando nervosamente durante as oito horas de viagem do Chui a Porto Alegre, onde se refugiou com o status de foragido político do Alto Comissariado das Nações Unidas (Acnur).

Desde que chegou à capital gaúcha, entretanto, o cientista uruguaio não quis mais falar das sevícias que sofreu no centro de torturas, chamado de "El Infierno", no 13º Batalhão de Infantaria, um dos locais onde esteve preso desde maio do ano passado. Defendeu-se, em poucas palavras, das duas acusações que o governo uruguaio fizera contra ele e que, segundo as autoridades uruguaiois, justificavam a sua prisão.

Tudo começou quando dois militares, em trajes civis, o seqüestraram em sua casa, na noite de 23 de maio do ano passado. Benech era acusado de ser dirigente do Partido Comunista do Uruguai, extinto em 1973, e de ter articulado uma campanha para o voto nulo no plebiscito constitucional realizado em dezembro último.

Incomunicável em "El Infierno" — onde também esteve por algum tempo o casal Lilian Celiberti e

Universindo Díaz, seqüestrados no Brasil em novembro de 1977 —, receberia a primeira visita de sua mulher a pediatra Graciela Gulla Cerruti apenas no final de julho. A partir daí os militares passaram a pressioná-lo para tornar-se ele também um "contra-espião" infiltrado no Partido Colorado. E mais: pretendiam que ele prestasse um depoimento público do tipo "subversivo arrependido" numa rede nacional de televisão. Para convencê-lo, costumavam ameaçá-lo de morte. Afinal, diziam-lhe, a imprensa brasileira já havia notificado sua morte.

A fuga. A história da fuga de Benech começou a partir do momento em que ele resolveu aceitar o pacto de TV. Em contrapartida, pediu permissão para visitar a sua casa, de dez em dez dias.

A proposta de Benech foi aceita. Às 23 horas da noite de Natal uma escolta de soldados deixou o cientista uruguaio em sua casa, perto do centro de Montevideu. A noite de Natal passou rápida com Graciela e seus dois filhos mais velhos, Juan Claudio, de 17 anos, e Mario David, de 16 — também acusados de envolvimento em organizações clandestinas —, discu-

## A perigosa "Operação Mundialito"

ao pescoco de quem fosse recebê-lo.

Rádio no último volume e algumas garrafas mais de champanha serviam de disfarce. Trinta minutos antes da hora marcada para a chegada dos fugitivos, um jipe do Exército Uruguaio parou no canteiro do lado uruguaio. Um arripio percorreu nossas espínguas. A tensão aumentava: "Vamos cair fora", gritou alguém. Os soldados desceram apenas para descarregar duas caixas de cerveja.

O atraso dos fugitivos já era de cinquenta minutos. O jipe uruguaio já havia saído, mas nos deixara em estado de pânico. Faltavam dez minutos para as 5, quando um velho Mercedes preto parou do lado uruguaio. Cinco pessoas saíram apressadamente do carro deixando suas portas escancaradas. "Muito obrigado, eu não sou traidor. Eles queriam que eu traísse a todos, os meus amigos, as minhas idéias" — dizia o cientista Cláudio Benech, enquanto abraçava o filho. A euforia era tanta que às 17 horas, quando chegamos a Porto Alegre, constatou-se que todos os documentos dos fugitivos haviam sido esquecidos no automóvel. Voltamos a Chui e conseguimos encontrar o carro e os documentos intactos no mesmo local.

Erni Quarzema

Enfim, estávamos no local determinado. A avenida Brasil, que atravessa a cidade de Chui e divide Brasil e Uruguai, a 547 quilômetros de Porto Alegre. Estávamos atrasados e a frase do advogado Jair Kirshcke, presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre, ecoava em nossos cabeças: "Vocês têm que estar às 20h30m defronte o Hotel Chui".

Em poucos momentos, nossa equipe de dez pessoas, entre jornalistas e membros do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, assistia à chegada ao Brasil do cientista uruguaio Cláudio Benech Tour, sua mulher e dois de seus filhos que corriam contra o relógio fingindo desde Montevideu.

Antes de chegar ao local do encontro, e com a "Operação Mundialito" já praticamente desencadeada, resolvemos jantar no restaurante Paradoro, a 7 quilômetros do Hotel Chui e a 100 metros do posto de controle da Polícia Federal brasileira. Comemos avidamente um rodízio de carnes, regado a champagne em homenagem ao Ano-Novo.

Finalmente estacionamos nossos automóveis diante do hotel, no canteiro do lado brasileiro da avenida. A senha era um lenço branco amarrado

Poeta e pintor. A primeira informação sobre o "desaparecimento" de Benech chegou ao Movimento de Justiça através de uma carta de sua mulher, remetida da cidade brasileira de Santana do Livramento, em julho. Um mês depois, em meio a cenas de cartas dos familiares de "desaparecidos" da Argentina, Uruguai e

Chile, o presidente do Movimento, Jair Kirshcke, recebeu um envelope com sete folhas do extenso "currículo" do cientista. Biofísico de conceito internacional, "premiado" pelo

Instituto de Biociências do Rio Grande do Sul em 1978, com quinze livros publicados e mais de vinte anos dedicados a pesquisas no Instituto de Investigações Biológicas Clemente Estable, em Montevideu, poeta e pintor, Benech é o 51º fugitivo do Cone Sul a procurar o Movimento de Justiça, que existe há dois anos.

De inspiração "hipercuemênica", como diz o presidente Jair Kirshcke, o Movimento de Justiça é uma espécie de referencial dos fugitivos. Eles chegam até aquela pequena sala, geralmente sem qualquer documento. Kirshcke diz que o Movimento "ganhou fama internacional" por insistir na denúncia do sequestro do casal uruguaio Lilian Celberti e Universindo Diaz. "Depois disso, uma média de vinte a trinta castelhanos nos procuraram todas as semanas", diz o



Daniel de Andrade/COOJORNAL

Ferré e Kirshcke: o 51º fugitivo



O NACIO  
O DE ECC  
IA LEGISL

## Físico uruguaio em fuga cruza fronteira do Brasil

PORTO ALEGRE (O GLOBO) — O biofísico uruguaio Cláudio Benech, de 44 anos, fugiu ontem de automóvel de seu país com a mulher e dois filhos menores, atravessando a fronteira brasileira em Santa Vitória do Palmão, a 513 quilômetros de Porto Alegre. Ele tinha sido colocado em liberdade provisória para passar o fim de ano com a família, como já ocorrera no Natal, e deixou sua casa dez minutos antes das 5 horas, quando agentes da Companhia de Contra-Inteligência foram buscá-lo para retornar à prisão.

Benech entrou no Brasil com a mulher, a pediatra Graciela Gullá, de 39 anos, e os filhos Juan Claudio, de 17, e Mário Davit, de 16. Outros cinco filhos do casal foram deixados com parentes em Montevidéu. Alejandro, de 14 anos; Dela, de 12; Pablo, de 10; Nicola, de 4; e Javier, de apenas um ano.

Benech contou que estava sendo pressionado pelos militares para declarar, em uma cadeia de televisão, que estava arrependido de sua participação no Partido Comunista Uruguaio.

Biofísico de renome internacional, autor de várias teses científicas (tra-



Em liberdade provisória, Benech aproveitou o Ano Novo e fugiu

balhou durante 20 anos no Instituto de Pesquisas Biológicas Clemente Stable, em Montevidéu) Benech afirmou que foi preso em maio passado, tendo sido torturado durante oito meses.

O presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krischke, informou, após contato telefônico com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), que os quatro uruguaios deverão receber, dentro de 48 horas, status de refugiado político.

### Cientista uruguaio foge com a família

O biofísico uruguaio Cláudio Benech abraça a mulher após cruzar de automóvel a fronteira com o Brasil. Ele estava preso em Montevidéu e aproveitou a liberdade provisória para as festas de fim de ano para planejar e executar a fuga. Trouxe dois filhos e deixou outros cinco com parentes. (Página 8)

Zero Hora 2/01/81 Capa

## Cientista uruguaio foge para o Brasil



Cláudio Benech

Trazendo dois e deixando outros cinco filhos, Cláudio Benech cruzou o Chui. PÁG. 19

# Preso político uruguaio que fugiu aguarda asilo

**PORTO ALEGRE (Sucursal) —** O biofísico Cláudio Benech fugiu quinta-feira do Uruguai, em companhia da mulher e de dois filhos, atravessando a fronteira brasileira no Xhúí, às cinco horas da manhã. Benech era preso político desde maio passado, recolhido à Companhia de Contrainformações n.º 2 de Montevideu. Os militares haviam concordado que ele passasse o fim do ano com a família, quando surgiu a oportunidade para a fuga. Um agente designado para fazer a segurança de Benech, em sua casa, acabou embriagando-se.

Benech, de 44 anos, fugiu com a mulher Graciela Gulla, pediatra de 39 anos, e os filhos Juan Cláudio, de 17 e Mario Davit, de 16. Deixaram com parentes, em Montevideu, outros cinco filhos, de 14, 12, 10, 4 e um ano. Antes de deixar o Uruguai, o biofísico conseguiu entrar em contato com membros do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre, entre os quais o presidente da entidade, Jair Krischke, e o advogado Omar Ferrri, que foram aguardá-lo na fronteira.

Levados para Porto Alegre, Benech e família receberam abrigo do Movimento. O biofísico encontrava-se ontem sob tratamento médico, devido ao período em que esteve preso, segundo ele sofrendo torturas. Benech contou que o governo uruguaio havia proposto que ele comparecesse à televisão para se pronunciar arrendido de suas atividades políticas no passado e elogiar o regime militar. Outra proposta era de que, sendo solto, ele passasse a espionar as atividades do Partido Colorado, que vêm preocupando os militares. Benech disse aos militares que concordava com tais propostas, considerando então a licença para passar a festa de fim de ano com sua família.

A Companhia de Contraintormações n.º 2, onde Benech esteve preso em Montevideu, foi a responsável pelo sequestro, em Porto Alegre, dos uruguaiois Lillian Celiberti e Ursinando Diaz, em novembro de 1978. De lá também fugiu em junho último o sargento Rivus que, em sua passagem pelo Brasil (hoje está exilado na Noruega) revelou toda a trama do sequestro, no qual estiveram envolvidos os policiais gaúchos Pedro Seelig e Orandir Portassi Lucas, o "Didi Pedalada".

Até ontem à noite, o Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre não queria revelar o local onde se encontra a família Benech. Auxiliado pelo presidente da Ordem dos Advogados, seção Rio Grande do Sul, Justino Vasconcelos, o Movimento preparava-se para regularizar a entrada dos uruguaiois no País e comunicar oficialmente o fato às demais entidades de proteção e auxílio aos exilados e perseguidos políticos dos



Cláudio Benech, já no Brasil, com dois filhos e a mulher.

Sábado, 3 de janeiro de 1981

SÁBADO — 3 DE JANEIRO DE 1981

*10 Estado de S Paulo*

## Casal uruguaio foge para conseguir asilo

Da sucursal de  
**PORTO ALEGRE**

O biofísico uruguaio Cláudio Benech, sua mulher Graciela e dois dos sete filhos — Mário, de 17 anos, e Juan Cláudio, de 16 — fugiram antontem para o Brasil, onde vão aguardar asilo em algum país da Europa Ocidental, de preferência a Noruega. O cientista que estava preso desde maio de 1980, sob acusação de pertencer ao Partido Comunista e de enviar informações tendenciosas sobre o regime uruguaio para o Extertor, deveria apresentar-se às 5 horas do dia 1.º na prisão onde estava detido no Uruguai, depois de uma licença para as festas de fim de ano, mas 10 minutos antes de vencer o prazo ele atravessou a fronteira, em Xhúí. Se fosse descoberto, pretendia suicidar-se ingerindo uma cápsula de veneno, mas não houve qualquer problema.

Benech (ex-professor do Instituto de Investigação Biológicas Clemente Estable, de Montevideu, e a família estão em Porto Alegre sob proteção do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul). O presidente da entidade, Jair Krischke, está em contato com o responsável pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados no Brasil, François Founat, que reside no Rio. Visando obter o status de refugiados em favor dos uruguaiois. Na próxima semana, segundo informam ontem em Porto Alegre, pretende obter autorização de algum país da Europa, para enviá-los como asilados. Enquanto conseguir, também junto a ONU, que os outros cinco filhos de Cláudio Benech, cujas idades variam de um a 14 anos, possam sair do Uruguai. Na fuga, Cláudio Benech e parte de sua família só tiveram tempo de levar a roupa do corpo.

11 de São Paulo

# Cientista uruguaio que fugiu para o Brasil espera solução da ONU

Porto Alegre — Depois de fugir para o Brasil na madrugada do dia 1º, ao obter uma licença da Companhia de Contra-Inteligências do Exército uruguaio, onde estava preso por motivos políticos, para passar o ano novo com a família, o biofísico uruguaio Claudio Benech permanecerá hospedado por integrantes do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre até que o Alto Comissariado da ONU para Refugiados Políticos reconheça sua situação de refugiado e o informe sobre os países dispostos a asilá-lo.

Preso desde maio, sob a acusação de pertencer ao Partido Comunista, e torturado neste período, Benech, professor do Instituto de Investigações Biológicas Clemente Stabile, de Montevidéu, veio para o Brasil com a mulher, Graziela, e seus dois filhos menores, Mario, de 17 anos, e Juan Claudio, de 16. Os outros cinco filhos do casal permanecem em Montevidéu. O biofísico, que evita qualquer declaração à imprensa, devido à sua condição de refugiado político, ainda não tem idéia do país em que poderá asilar-se.

## TRABALHOS

A prisão de Claudio Benech ocorreu dia 8 de maio. A família não ficou sabendo os motivos da prisão nem o lugar para onde foi levado. A denúncia do seu desaparecimento, no Brasil, foi feita pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre, dia 12 de junho. Apenas um mês depois soube-se que o biofísico estava preso no 13º Batalhão de Cavalaria, em Montevidéu, acusado de pertencer à direção do Partido Comunista, o que negava.

Aos 43 anos, com cursos de especialização nos Estados Unidos, prêmios do Instituto de Ciências Naturais de Montevidéu (1962/63) e do Instituto de Biociências da Sociedade de Biologia do Rio Grande do Sul (1978) e autor de vários livros e ensaios, Claudio Benech vinha se dedicando, nos últimos anos, a pesquisas sobre contaminação radioativa. Quatro de seus trabalhos sobre contaminação de materiais biológicos por

substâncias foram apresentados no Rio Grande do Sul em 1978 e 1979, durante seminários.

Depois de vários meses de tortura nas prisões uruguaias, o Sr Claudio Benech pôde começar a receber visitas da família, de 10 em 10 dias. A fuga para o Brasil foi planejada para durante as poucas horas em que ele poderia, por licença especial, passar o Ano-Novo com seus parentes. Ele seria levado de volta para a Companhia de Contra-Inteligências do Exército às 5h do dia 1º, e conseguiu cruzar a fronteira às 4h59m.

O presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krishke, espera que até segunda-feira o Alto Comissariado da ONU para Refugiados Políticos, com escritório no Rio de Janeiro, reconheça a situação de refugiado do Sr Claudio Benech. A direção do movimento, então, dará entrevista coletiva à imprensa revelando detalhes do "tratamento atroz" imposto ao biofísico na prisão.

OBRE I  
A E DE  
DO ESTA

3.1.1981

Correio do Povo - 7-

# Cientista uruguaio foge e espera em Porto Alegre asilo das Nações Unidas

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados deverá reconhecer, segunda-feira, a condição de refugiado político do casal de uruguaios Graziela e Cláudio Benech. Acompanhado de dois filhos, o casal chegou a Porto Alegre na noite do dia 1.º, recebendo o apoio do Movimento de Justiça e Direitos Humanos. Os dois permanecerão o fim-de-semana em Porto Alegre aguardando uma decisão do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, que lhes deverá dar proteção. Depois, o casal seguirá para o Rio de Janeiro e posteriormente para qualquer país estrangeiro que venha a conceder-lhe asilo.

Cláudio Benech é especialista em Biofísica e, na condição de cientista, tem participado de congressos internacio-

nais. Sua mulher, Graziela, é médica. Cláudio Benech estava preso desde maio do ano passado na Companhia de Contra-Inteligências Dois, no Uruguai, acusado de participar de atividades do Partido Comunista. Na noite de 4.ª feira, obteve licença para visitar a família, quando então conseguiu fugir dirigindo-se a Porto Alegre. Aqui, os uruguaios receberam o auxílio do presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krishke, e do advogado Omar Ferri.

Ontem, o advogado Omar Ferri explicou que o Movimento de Justiça e Direitos Humanos não considerava oportuno um contato dos uruguaios Graziela e Cláudio Benech com a imprensa. Lembrou que o casal ainda tem cinco filhos que permaneceram no Uruguai e qualquer manifestação deles sobre a situação política naquele país poderia comprometer a ação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados e até criar-lhes dificuldades diplomáticas. Omar Ferri anunciou que, segunda-feira, após a obtenção do status de refugiado, os dirigentes do Movimento de Justiça e Direitos Humanos darão entrevista à imprensa, oportunidade em que revelarão o conteúdo do depoimento prestado pelo casal uruguaio durante sua permanência em Porto Alegre.

# Pistas falsas protegeram quem ajudou Benech a deixar Uruguai

**PORTO ALEGRE (O GLOBO)** — Várias pistas falsas foram montadas pela mulher do biofísico uruguaio Cláudio Benech, a médica pediatra Graciela Gulla, para encobrir a identidade da pessoa que ajudou o casal e dois dos seus sete filhos, Juan Cláudio, de 17 anos, e Mário Davit, de 16, a fugirem de Montevidéu, no dia 1 de janeiro.



BENECH

A informação foi dada ontem pelo presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Kirschke, que mostrou à imprensa quatro passagens de ônibus, do dia 31 de dezembro, para o percurso Montevidéu-Chuí, ida e volta. Os Benech continuaram em local não revelado à espera de um passe do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur).

## PEDIDO

O advogado Omar Ferri disse que Benech é o preso político de maior importância, até hoje, a fugir do Uruguai. Não afastou a possibilidade de um pedido, ao Consulado uruguaio em Porto Alegre, para os cinco filhos menores do casal serem trazidos ao Brasil.

Os quatro uruguaio só poderão viajar para o Rio, a fim de obter o status de refugiados políticos, quando receberem os passes. O comissário da ONU no Brasil, François Foinat, informou que os membros da família poderão ser reconhecidos como refugiados políticos ainda esta semana, segundo Jair Kirschke.

O plano de fuga dos uruguaio foi articulado na noite do dia 24 de dezembro quando, para surpresa de Benech, militares levaram-no para passar o Natal com a família. No dia seguinte, Graciela ligou para Porto Alegre e

deu o seguinte recado: "Prendo festejar a passagem de ano com meu marido e filhos no Chuí. Aguardo, ansiosamente, encontrar vocês em frente ao hotel do Chuí".

## A PRISÃO

As primeiras informações sobre a prisão de Cláudio Benech, no dia 8 de maio, por três militares uruguaio em trajes civis, chegaram ao Movimento de Justiça através de uma carta escrita por Graciela, no dia 3 de junho.

A carta foi posta no correio em Santana do Livramento e entregue em Porto Alegre no dia 11 de junho. A denúncia à imprensa foi feita por Jair Kirschke, no dia seguinte.

No dia 21 de agosto, Graciela escreveu outra carta, postada em São Paulo no dia 17 de setembro, informando que localizara o marido, preso no 13º Regimento de Infantaria, no local conhecido como "Caminho Instruções". Benech confirmou ter sido preso nesta unidade militar, conhecida como "El Inferno", por ser um centro de torturas.

Benech contou a Kirschke que, logo ao ser preso, ficou num prédio entre as ruas Dante, Colônia e República. O local identificado por Benech era, antes do golpe militar de 1973, o Centro Geral de Instrução de Oficiais da Reserva (CGIOR) e agora abriga o liceu militar Lourenço La Torre. Benech disse que ficou nos fundos do edifício.

Nesse local funciona a Companhia de Contra-Inteligência Número Dois, comandada pelo major Aguirre. A essa unidade pertencia o soldado Hugo Garcia Rivas que, em outubro passado, fugiu do Uruguai e revelou a participação de militares uruguaio no seqüestro dos exilados Lillian Celiberti e Universindo Diaz, em novembro de 1978.

A primeira visita que Benech recebeu da mulher foi no dia 27 de julho, quando estava preso em "El Inferno", para onde o levaram a 5 de julho,

Nos primeiros dias de agosto, o biofísico foi conduzido de volta para a Companhia de Contra-Inteligência, e passou a visitar a família de dez em dez dias. Como a unidade onde estava não tinha instalações que permitissem visitas, dois militares levavam Benech até sua casa e ele podia ver a mulher durante 45 minutos.

## PLANO

Quando a liberação do dia 24 de dezembro se repetiu no dia 31, todo o plano de fuga já estava articulado. O casal comunicou a decisão de escapar aos dois filhos maiores, e outros cinco ficaram com parentes em Montevidéu.

O pai de uma criança cuja vida Graciela salvou, anos atrás, ficou à espera com o carro. Ninguém, além do casal e desse homem, que os ajudou por gratidão, sabia do plano, por motivo de segurança.

As 22h30m, Benech foi levado para casa. Cerca de 30 minutos depois, o grupo de fugitivos tomava a "Rota Interbaleária". Perto da localidade de Solis, ocorreu um acidente e a polícia rodoviária desviara o trânsito para a estrada que leva a Piriápolis, o que aumentou o trajeto em 30 quilômetros.

Kirschke confirmou que Benech, durante a fuga, carregava consigo um vidro de veneno para matar ratos, pois pretendia suicidar-se, se fosse recapturado.

Quando cruzaram a fronteira uruguaia, no Chuí, ele contou à mulher sobre o veneno e quis desfazer-se do vidro, mas "não o jogou na fronteira para não provocar o risco de uma criança pegar o veneno", disse Kirschke.

Segundo o presidente do Movimento de Justiça, o fato de Benech estar com um frasco de veneno demonstra o estado emocional em que ele se encontrava. "Sendo um homem que ama a vida, que ama a família, isto o envergonha, porque reconhece que foi uma idéia gerada por um ato de desespero".

Comissariado da ONU dá proteção a uruguaio que se refugiou no RG do Sul

**Porto Alegre** — O biofísico uruguaio Cláudio Benech, que fugiu para o Brasil na madrugada do dia 1º, já teve reconhecida em caráter preliminar sua condição de refugiado político, pelo Alto Comissariado da ONU para Refugiados Políticos, segundo comunicado recebido pelo presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Sr. Jair Kirschke, que o foi esperar na fronteira brasileira-uruguaia, para a partir daí lhe dar cobertura.

O advogado Omar Ferri, que também foi esperado no Chuí, por sua vez, estuda a forma jurídica para trazer para o Brasil os filhos menores do cientista uruguaio, que não o acompanharam na fuga. Após a vinda das crianças, ele, sua mulher Graciela, e os filhos Juan Cláudio e Mario David — que fugiram juntos — viajam para o Rio de Janeiro, onde se encontrarão com o representante do Alto Comissariado no Brasil para com ele decidirem em qual país se asilarão.

## ESPERANÇAS

Eles chegaram no Chuí às 22h30m do dia 31 de dezembro e às 8h30m do dia 1º o casal de uruguaio e seus dois filhos chegaram. Segundo relato de Jair Kirschke, quando se encontrava do lado brasileiro, Cláudio Benech levantou os braços e gritou "consegui, consegui que não me dobrassem".

O biofísico uruguaio se referia à exigência da Companhia de Contra-Inteligência do Exército uruguaio para que aparecesse na televisão afirmando que era bem tratado, o que ele não fez.

Embora tenha atravessado a fronteira levando uma cápsula de veneno nas mãos, para ingerir-la no caso de ser interceptado pela polícia uruguaia, Cláudio Benech agora se arrepente de ter pensado em suicídio. O Sr. Jair Kirschke afirmou que o uruguaio lhe contou que "é um homem apagado à vida e à família".

Alinda de acordo com o Sr. Jair Kirschke, Cláudio Benech preferiu não falar sobre as torturas que sofreu na prisão e

lembra apenas uma frase do Prêmio Nobel da Paz, Adolfo Esquivel: "Não vim para falar de dores, e sim de esperanças."

Evitando, ainda, contatos com a imprensa, sob a alegação de que as entrevistas prejudicariam o trabalho do Alto Comissariado, Cláudio Benech já é reconhecido como refugiado político.

Os outros cinco filhos menores do casal — Adela Ester, 11 anos; Pablo Ignacio, 10 anos; Nicolás, cinco; e Javier, um ano — permaneceram em Montevidéu em companhia de familiares e também deverão entrar em contato com seus pais no Brasil. Para isto, o advogado Omar Ferri está estudando as disposições do Direito Internacional para decidir que procedimento adotar.

O advogado, que espera resolver o problema da vinda das outras crianças ainda esta semana, adiantou apenas que isto pode ser conseguido através do Consulado uruguaio em Porto Alegre ou do Alto Comissariado da ONU para Refugiados Políticos.

05050

6/01/81

-16-

JB. 6/1/81